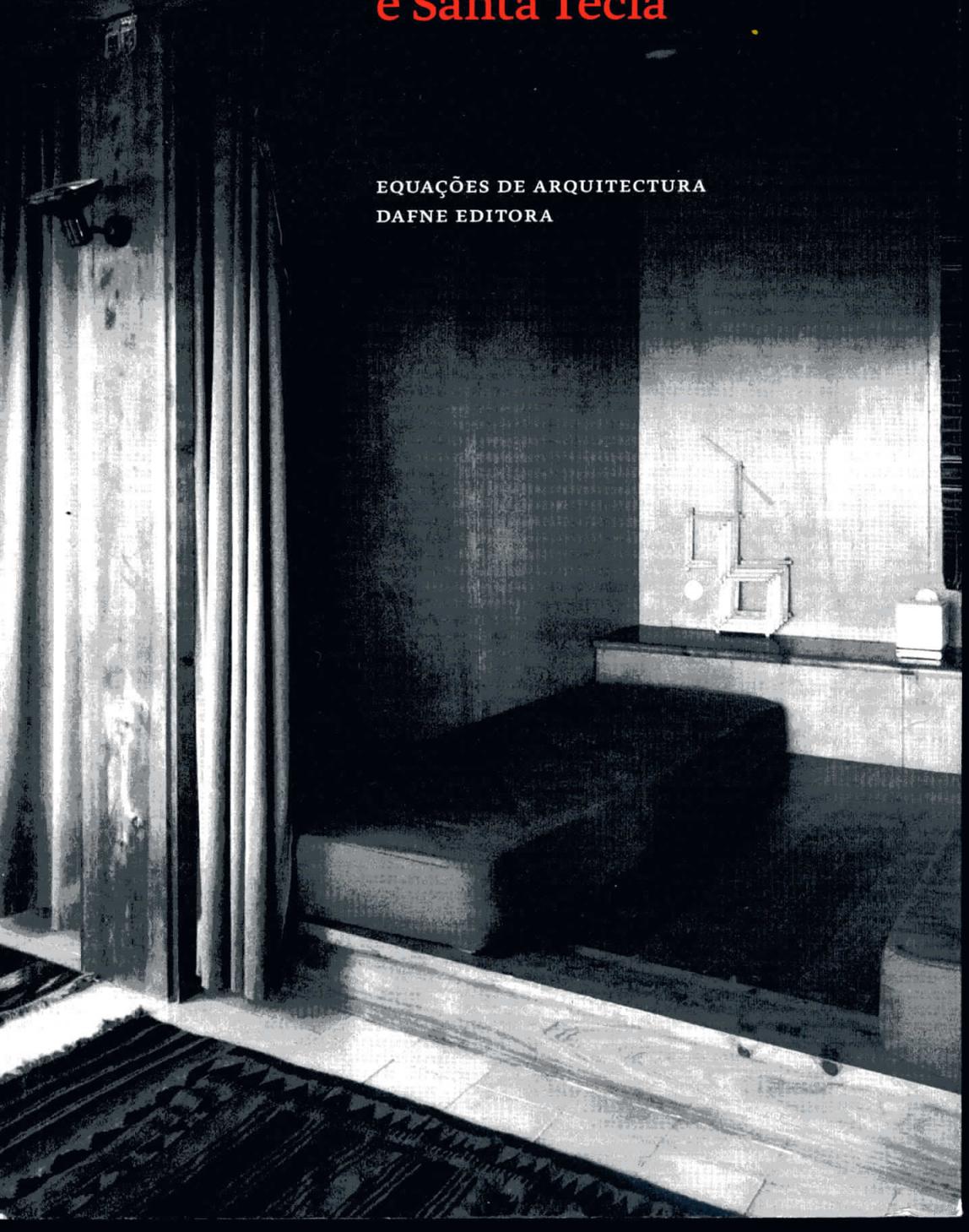
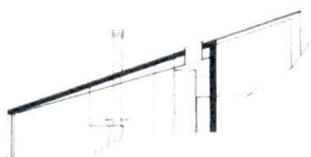


Só nós e Santa Tecla

EQUAÇÕES DE ARQUITECTURA
DAFNE EDITORA



SÓ NÓS E SANTA TECLA
A Casa de Caminha de Sergio Fernandez



ALEXANDRE ALVES COSTA
MARIA MANUEL OLIVEIRA
ANDRÉ TAVARES
NUNO PORTAS
JORGE FIGUEIRA
PEDRO BANDEIRA
INÊS D'OREY
MANUEL MENDES
JOSÉ CAPELA

DAFNE EDITORA

SUMÁRIO

- 7 *Só nós e Santa Tecla*
- 15 *Pela paisagem pobre, irrenovada*
ALEXANDRE ALVES COSTA
- 25 *Linha de sombra*
MARIA MANUEL OLIVEIRA
- 35 *O salto*
ANDRÉ TAVARES
- 49 *Das casas às pessoas e vice-versa*
NUNO PORTAS
- 57 *A casa do lado*
JORGE FIGUEIRA
- 63 *Um texto sobre o pôr-do-sol*
PEDRO BANDEIRA
- 77 *Álbum fotográfico*
INÊS D'OREY
- 101 *terra quanto a vejas, casa quanto baste*
MANUEL MENDES
- 149 *Ética — Dialéctica*
JOSÉ CAPELA

Só nós e Santa Tecla

Numa tarde de Outubro entrevistámos Sergio Fernandez na sua casa de Caminha. Tínhamos a recordação da obra enquanto estudantes e, após uma década de casa imaginada na memória, repetiu-se o conforto dos tectos baixos, a relação das funções internas e a paisagem deslumbrante, o fascínio de uma arquitectura. Sergio Fernandez descreve a casa como “um mau projecto e uma boa casa”, confirmando a possibilidade de ultrapassar a disciplina da arquitectura por uma afectividade casual decorrente da simples conjugação de opções pragmáticas. Era uma intenção do projecto fazer desaparecer a arquitectura, torná-la invisível, não só pela discrição física e diluição no terreno em que se insere, mas também pelo modo como o projecto parece ser indiferente perante a possibilidade de afirmar alguma representatividade ou autoria. Nessa entrevista, entre a autobiografia emotiva e a tentativa de uma dissecação analítica, entre a afectividade da obra e a crueza disciplinar, identificámos os marcos de navegação que poderiam, sem retirar o prazer da descoberta descomprometida, ajudar a esclarecer os paradoxos que conferem à excepcionalidade da casa uma recepção imprevisivelmente consensual. Perante essa rota, arriscámos uma organização provisória para este livro.

Para dialogar com o silêncio lacónico de uma certa arquitectura do Porto, na qual se pode inscrever a Casa de Caminha, é imprescindível recorrer ao discurso autobiográfico da geração que a fundamentou. É um discurso ancorado na prática dum raciocínio ascético e crítico sobre as seduções de argumentos e práticas onde o lúdico se sobrepõe ao atento, raciocínio que se conjuga com a simpatia e a intuição sobre as coisas. Essa auto-referenciação abre portas para entender um universo relativamente autónomo, regional, mas também fecha as portas para uma conversa num quadro de referências

mais amplas no qual, inevitavelmente, os debates históricos e teóricos da cultura arquitectónica contemporânea têm lugar. Que balanço encontrar para prestar a homenagem devida à Casa de Caminha e ao seu autor?

Optámos por destacar os temas em que fomos tropeçando na entrevista. Afinal, eles permitiam construir uma cadeia de aproximações ao objecto que possibilitam a sua contextualização disciplinar integrada num complexo panorama social, político e cultural. Com esta estratégia de conteúdos, convidámos vários autores para reflectir sobre construção, uso, paisagem, referências, práticas, mas também sobre a cultura e ideologia de uma época marcada pela responsabilidade social.

Após uma aprendizagem escolar que resistia à tradição académica, Sergio Fernandez foi “ser arquitecto” para Rio de Onor, numa viagem que representava o mergulho num universo cujo desfasamento com a cidade era assustadoramente onírico. A geração de Sergio Fernandez foi capaz de confrontar a cultura erudita com uma realidade social indigente e encontrar na cultura popular sinais de síntese e possibilidades de convergência. Os sintomas evidentes dessa cultura neo-realista iam-se construindo em várias obras entre o Porto e Caminha que expunham sinais desse processo de consolidação de uma prática arquitectónica. Viana de Lima, Fernando Távora e Álvaro Siza eram referências claras na construção desse caminho. Por outro lado, as práticas construtivas definiam as opções pragmáticas (em busca da economia) segundo as quais se geriam os recursos, fossem eles o legado do moderno internacional ou as condicionantes locais da sua releitura. Esse pragmatismo construtivo tornou-se chave no processo revolucionário pós-25 de Abril, como modelo operativo para superar a crise da habitação popular. E se as casas do SAAL propunham uma prática de diálogo intensa com os utilizadores, na casa de Caminha são experimentados modelos de uso que questionam as convenções pré-estabelecidas da habitação burguesa.

Em certa medida, os autores deste livro viram-se “forçados” a procurar responder às nossas provocações temáticas que tinham como objectivo evitar redundâncias e ampliar o espectro de leituras possíveis. Os textos, de um modo livre e no bom sentido, distanciaram-se da nossa proposta percorrendo outras leituras e outros temas que

nos tinham escapado sem, contudo, deixar de reflectir e desenvolver os temas e os conteúdos que a entrevista lançou.

E regressamos sempre a essa conversa em tarde de Outono que finalmente se optou por não publicar (ela aparece em excertos e referências nos vários textos, que acabaram por cobrir e referir quase todos os seus assuntos e conteúdos). Estávamos sentados à sombra da Casa, com o Monte de Santa Tecla a dominar a paisagem. Houve uma frase solta, circunstancial, que se tornou o título do livro. Sergio Fernandez referia-se às madrugadas num lugar descolado da dura realidade do quotidiano. A Casa entendida e vivida como um espaço de partilha tranquila mas intransigente, entre quem habita e a paisagem que é habitada. *Éramos só nós e Santa Tecla*, como se as pedras acima das nuvens permitissem um estar sublime.

PEDRO BANDEIRA & ANDRÉ TAVARES

Edição: Dafne Editora

1.^a Edição — Porto, 2008

Editores: André Tavares & Pedro Bandeira

Design: Pedro Nora

Impressão e acabamento: Gráfica Maiadouro

Depósito Legal: 283 843/08

ISBN: 978-989-8217-02-8

© Dafne Editora

Textos, desenhos e fotografias © dos respectivos autores.

www.dafne.com.pt

Construída com um pragmatismo contundente, perante uma paisagem sublime, a Casa de Caminha projectada por Sergio Fernandez entre 1971 e 1973, é um testemunho claro das qualidades práticas e racionais que caracterizam as obras dos arquitectos do Porto na segunda metade do século xx. Acolhedora nos usos e sugestiva de um habitar mais informal, é também manifesto de uma certa cultura de projecto dos arquitectos de Abril, enunciado de práticas pedagógicas bem sucedidas e síntese das contradições entre a autonomia disciplinar e a poética do quotidiano.

Este livro agrupa um conjunto de contributos que oscilam entre a autobiografia e a análise disciplinar, convergindo no enquadramento e compreensão das qualidades que caracterizam a arquitectura da *Vill'Alcina*.

Com textos de Alexandre Alves Costa, André Tavares, Jorge Figueira, José Capela, Manuel Mendes, Maria Manuel Oliveira, Nuno Portas, Pedro Bandeira e álbum fotográfico de Inês d'Orey.

ISBN 989-8217-02-8



9 789898 217028